

## Repositório ISCTE-IUL

---

### Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-02-27

### Deposited version:

Publisher Version

### Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

### Citation for published item:

Antunes, T. & André, P. (2018). A composição arquitectónica no Tractado de Architectura Que Leo o Mestre, e Archit.<sup>o</sup> matheus do Couto o velho No Anno de 1631 . In Paula André, Paulo Simões Rodrigues, Margarida Brito Alves (Ed.), Laboratório colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes. III - Seminário de investigação, ensino e difusão. (pp. 46-56). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.

### Further information on publisher's website:

--

### Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Antunes, T. & André, P. (2018). A composição arquitectónica no Tractado de Architectura Que Leo o Mestre, e Archit.<sup>o</sup> matheus do Couto o velho No Anno de 1631 . In Paula André, Paulo Simões Rodrigues, Margarida Brito Alves (Ed.), Laboratório colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes. III - Seminário de investigação, ensino e difusão. (pp. 46-56). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

---

### Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

---

*A Composição Arquitectónica no Tractado de Architectura Que Leo o Mestre, e Archit.º Mattheus do Couto o velho No Anno de 1631.*

Tiago Molarinho Antunes  
(DINÂMIA'CET-IUL/ISCTE-IUL)  
[tmolarinho@gmail.com](mailto:tmolarinho@gmail.com)

Paula André  
(DINÂMIA'CET-IUL/ISCTE-IUL)  
[paula.andre@iscte-iul.pt](mailto:paula.andre@iscte-iul.pt)

### Resumo

O estudo que aqui apresentamos corresponde à análise das indicações relativas à criação da composição arquitectónica na primeira metade do século XVII, segundo as informações contidas no manuscrito de arquitectura, da lição transmitida pelo Arquitecto Régio e Mestre de Obras Mateus do Couto. Perspectivamos com este estudo criar bases de apoio para clarificar a forma de desenhar arquitectura presente na Tradição Construtiva Portuguesa. Os objectivos finais são contribuir para esclarecer a unidade e composição usados no método da criação arquitectónica das residências nobres em Lisboa, criando dados úteis à sua intervenção de salvaguarda e conservação, e, usar este método de desenho arquitectónico na criação de obra nova.

**Palavras-chave:** Casa Nobre, Palácio, Mateus do Couto, Cultura Arquitectónica Portuguesa

### Introdução

O tema do presente ensaio<sup>71</sup> corresponde a uma análise do manuscrito de arquitectura de Mateus do Couto de 1631. O principal objectivo é uma clarificação dos pressupostos que

---

<sup>71</sup>O tema de investigação onde este estudo se insere, incide na análise da proporção e dos sistemas métricos, utilizados na construção de palácios urbanos em Lisboa, entre 1640 e 1755. O principal objetivo é criar conhecimento acerca do pensamento construtivo português, através da análise dos princípios de geometria na regularidade, ordem e proporção, contidos na composição morfométrica de palácios, ainda hoje existentes na malha da cidade. Essa análise apoia-se no estudo da Cultura Arquitectónica Portuguesa, através da análise de quatro dos seus paradigmáticos manuscritos: As Preposições Matemáticas ([Atrib.] António Rodrigues c. 1579); O Tractado de Architectura Que Leo o Mestre, e Archit.º Mattheus do Couto o velho No Anno de 1631; As Taboas Gerais para com facilidade se medir qualquer obra do Officio de Pedreiro...; Texto criado por João Nunes Tinoco (c. 1641); e, O Compêndio Prático da Architectura Politica, redigido e assinado por Luis Nunes Tinoco (c. 1661). A investigação de doutoramento em Architectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, decorre no ISCTE-IUL, com o título “*Proporção e Sistemas Métricos na Tradição Construtiva Portuguesa: Palácios de Lisboa (1640-1755)*”, sob a orientação da Professora Doutora Paula André (ISCTE-IUL / DINÂMIA'CET-IUL), e a coorientação

este arquitecto deixou escrito sobre a criação da composição arquitectónica na primeira metade do século XVII. A metodologia adoptada usa a transcrição<sup>72</sup> integral do manuscrito e analisa as indicações relevantes à criação da composição arquitectónica no século XVII. Este trabalho visa criar bases de suporte e de análise aos levantamentos arquitectónicos de palácios em Lisboa, contruídos entre os séculos XVII e XVIII. O presente trabalho não pretende comentar nem apreciar o conjunto dos seus conteúdos, as suas influências externas ou as suas consequências na Cultura Arquitectónica Portuguesa, antes se concentra na reunião de dados relativos à composição em arquitectura ao agregar as características e particularidades relativas à criação de arquitectura presentes no manuscrito, legado por Mateus do Couto.

### O Manuscrito de Arquitectura de 1631

A lição de arquitectura do Arquitecto Mateus do Couto situa-se no códice 946//1, conservado na secção de reservados da Biblioteca Nacional de Portugal, que o adquiriu à Livraria do Arquitecto José Maria Nepomuceno (1836-1895), em 1897, provavelmente por intermédio de Luiz Trindade<sup>73</sup>, autor do catálogo<sup>74</sup> do leilão. Referenciado com o n.º 2270, Trindade regista uma sinopse do manuscrito na sistematização dos seus conteúdos<sup>75</sup>. Inédito e original são duas singularidades indicadas por Trindade, um códice com quatro manuscritos, sendo o primeiro aquele que aqui nos iremos ocupar – o manuscrito de arquitectura de Mateus do Couto – O Velho (1581-1664). Deve-se ao Professor Doutor Rafael Moreira o reaparecimento deste documento, num artigo publicado em 1983 – O Torreão do Paço da Ribeira<sup>76</sup>, referindo-se sobre «Um Tratado de Arquitectura do século XVII», que trazemos em estudo, dá-a, porém, taxativamente, a Filipe Terzi, no que devia ser a «versão oficial» dos factos, garantida pela sua posição de

---

do Professor Doutor Helder Carita (FCSH-UNL / IHA). O desenvolvimento deste estudo tem o financiamento da FCT desde Dezembro de 2015, com a referência SFRH/BD/112071/2015.

<sup>72</sup> Normas de transcrição paleográfica seguidas: usou-se a transcrição paleográfica denominada de Tipo 1, fiel ao documento original, com as abreviaturas desenvolvidas. A ortografia, a pontuação e os acentos fonéticos e diacríticos foram integralmente respeitados, sem modernizações. Estas ocorrem apenas no que se refere à união e/ou separação de palavras, maiúsculas e minúsculas, e na colocação de hífen nas enclíticas e proclíticas e apóstrofo nas elisões e crases. Assinalaram-se os acidentes de texto e lacunas do suporte com [...], a ilegibilidade de sílabas, palavras ou frases com (...) e as palavras entrelinhadas entre //. As letras ou sílabas ocasionalmente omitidas pelo escriba foram restituídas e assinaladas com <...>. As omissões e repetições de palavras ou frases foram referenciadas em nota de rodapé e utilizou-se (sic.) para assinalar erros do escriba. A revisão da transcrição foi realizada pela Dr.ª Lina Maria Marrafa de Oliveira.

<sup>73</sup> À data, *Conservador-Inspector da Biblioteca Nacional de Lisboa*, hoje - de Portugal.

<sup>74</sup> Trindade, Luís - Catálogo da Livraria do Distincto Bibliografico e Bibliophilo José Maria Nepomuceno. In. Lisboa 1.ª ed. Empreza Editora de Francisco Arthur da Silva (coord.), 1897

<sup>75</sup> 2270. Tratado de Architectura que leo o Mestre, e Archit.º Mattheus do Couto o Velho - No anno de 1631. - Na primeira pag. initando o typo de impressão. - Ms. in-4.º de 99 pag. Meia encad. - Original. - Inédito. Não tem frontispicio; começa o tractado logo depois do titulo - Livro I. Capitulo 1.º - Não está completo, pois termina no alto da face da pag. 73, no Capitulo 2.º do Livro IV. - Seguem tres pag. em branco; na pag. 77 recto: << Ascendentes do Conde Nuno Alves Pereyras; arvore genealogica. - Nos rectos das pag. 79, 81 e 82 em 3 columnas: <<Reys de Portugal - Reys de França - Reys de Hespanha.>> Os Reis de Portugal começam em D. Afonso Henriques e acabam em D. João V, e contem apenas o nome e o anno em que começaram a reinar, e o mesmo nos de França e Hespanha. - Nas faces da pag. 84: <<Tractado de prospectiva>> até pag. 97. - A face da 98 em branco, e no verso: <<Este livro tem em si sento e oitenta e Nove meas folhas conforme o numeros delas eoassento que que esta escrito no prensipio dele que foi odito encerramento eme asinei ao pe delle - P. J. NunesTinoco.>> - D'esta declaração se collige que falta no Codice uma primeira parte com 90 pag.

<sup>76</sup> MOREIRA, Rafael - O Torreão do Paço da Ribeira, in, **Mundo da Arte**, XIV (Separata), Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1983, p.43-48.

arquitecto-mor e direcção das obras: «Phelippe Tercio, tam nomeado, também uzou [pilastras sem capitel] em outro edificio principal nesta Cidade de Lx.<sup>a</sup>, q he o Forte»<sup>77</sup>. A visibilidade e interesse dos investigadores que sobre ele trabalharam surge a partir de 1989<sup>78</sup>, na entrada que Moreira realiza sobre os *–Tratados de Architectura*, no Dicionário da Arte Barroca em Portugal<sup>79</sup>. Após esta data, entre 2001 e 2018, são vários os autores que têm realizado estudos de acordo com o seu tema de investigação, originando um conjunto de estudos publicados, imprescindíveis ao conhecimento e entendimento deste manuscrito, bem como a sua análise critica, assunto que excede os propósitos deste texto.

Organizado por quatro livros, cada um com 15 capítulos, excepto o último, pela interrupção da redacção no segundo capítulo do Livro IV. O «TRACTADO DE ARCHITECTURA / Que Leo o Mestre, et / Architecto Mattheus do Couto o velho / No Anno de 1631»<sup>80</sup>, é um documento essencial não só pelo domínio e consequente selecção das matérias que incorpora no seu texto, em que é clara a influência dominante da tratadística italiana, mas particularmente pelas questões do foro prático. No que diz respeito à construção do texto, verifica-se uma componente forte da sua experiência enquanto Mestre de Obras e Architecto Régio. Mateus do Couto junta ainda, sempre que considera conveniente, os diferentes pontos de vista dos tratadistas que refere: Vitruvius, Alberti, Sérlio e Paládio, propondo a sua opção, fundamentada em advertências procedentes da sua experiência profissional. Estas características reúnem conhecimentos teórico-práticos relativos à produção arquitectónica em Portugal no século XVII, e "não será disformidade" dizer que a sua aptidão nas questões construtivas é consequente à sua experiência e à instrução do seu Mestre Baltazar Alvares, "um architecto laborioso com sólida formação prática na supervisão e condução de estaleiros arquitectónicos"<sup>81</sup>. O planeamento das matérias das suas aulas de architectura organiza-se num procedimento metodológico firme, que ordena as matérias por grau de complexidade e compreensão. Esta questão é clarificada quando, à cerca da edificação de paredes, refere: "eu ando sempre com o mais facil diante para o mais difficulozo custe menos a perceber"<sup>82</sup>. Sobre este princípio, Mateus do Couto estrutura o seu ensino, na Aula de Architectura Régia onde fora aprendiz entre 1616 e 1629<sup>83</sup>.

### A Composição Arquitectónica de Mateus do Couto

*He verdade que a redonda hé mais perfeita; porem a quadra hé mais capáz, e commoda para edificar debaixo della. E assi se nos perguntarem, porque não edificamos debaixo de figura redonda, sendo a mais perfeita, e nós hauemos dito atraz que para os edificios hauemos de buscar, e ordenar o mais perfeito? A isto podemos responder, que muitas vezes o mais perfeito não hé o mais commodo,*

---

<sup>77</sup> IDEM, *Ibidem*, p. 42

<sup>78</sup> Agora com a cota do códice dos reservados da <<BNL Cod. 946>>.

<sup>79</sup> MOREIRA, Rafael - *Tratados de Architectura*, in, **Dicionário de Arte Barroca em Portugal**. Lisboa:Editorial Presença (Dir. José Fernandes Pereira, Coord. Paulo Pereira) 1.<sup>a</sup> ed., 1989, p. 492.

<sup>80</sup> COUTO, Mattheus Do – **Tractado de Architectura /Que Leo o Mestre, et / Architecto Mattheus do Couto o velho / No Anno de 1631** [Manuscrito]. Secção de Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa. Situado entre as páginas 1 e 73 (frente e verso) do Códice n.º 946//1, LIVRO I, Cap. 1.º (sem título), p. 1.

<sup>81</sup> RUÃO, Carlos – **O Eupalinos Moderno. Teoria e Prática da Architectura Religiosa em Portugal (1550-1640)**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2006. Volume II, p. 241.

<sup>82</sup> COUTO, cit.11, LIVRO II, Cap. 3.º, p. 29.

<sup>83</sup> RUÃO, Carlos – **O Eupalinos Moderno**. Volume I (2006), p. 218.

*nem o mais capáz; e assi nos edificios, que são para ajudarmos a passar a vida, sempre havemos de tratar da melhor comodidade; e debaixo disto suposto, ordenar-lhe a melhor forma, ainda que os antigos ordenarão algũas figuras de edificios, e formas fora da quadrada; todavia se bem os considerarmos, e notarmos o que dizem, acharemos ser melhor o que tendo dito de o edificio ser o melhor o que he feito debaixo de forma quadrada<sup>84</sup>.*

Nesta passagem transcrita do manuscrito de Mateus do Couto, salienta-se a importância e influência que as regras de composição têm na ciência do desenho arquitectónico. Porém, indica-nos igualmente que estas influências deverão ser um apoio e não uma imposição no projecto de arquitectura. Para este arquitecto e mestre de obras do século XVII, as decisões de um arquitecto devem contemplar a diversidade das condicionantes de cada obra, cujo sucesso depende do equilíbrio na inter-relação entre as partes. Para este caso particular, evidenciamos a adequabilidade da forma, aplicada ao conforto e à construção. No capítulo onde define “que couza hé edificar, e /que couza seja edificio”<sup>85</sup>. A inter-relação entre edificar e edificio corresponde à concepção de “hum corpo material, como qualquer dos nossos corpos humanos”<sup>86</sup>. Considerando a composição de um edificio formada por um conjunto de membros bem proporcionados, esta “Contem em sy forma, distribuição, E materiais,”<sup>87</sup>. Neste capítulo, Mateus do Couto define morfologicamente um edificio por um volume repartido por divisões interdependentes e proporcionais entre si, de acordo com mesma relação que o corpo humano tem com as suas partes constituintes.

No conjunto das qualidades, matérias e ciências<sup>88</sup>, que Mateus do Couto considera importantes na formação de um arquitecto, existem algumas em que este deve ser perito. Uma destas é a música. Sobre a correlação desta ciência com a arquitectura, refere por exemplo que a “muzica principal sempre he e foy de 4. vozes; assi tomára que o edificio fora de 4. lados, e em esquadria”<sup>89</sup>. Deste modo demonstra e justifica a sua escolha do desenho ortogonal, fundamental ao desenho espacial, mas também à sua construção. Esta deverá ser executada “debaixo de angulos rectos, que hé o mesmo que em esquadria, ou seja prolongado, ou seja, quadro perfeito”<sup>90</sup>. A música é também a ciência que lhe permite encontrar o equilíbrio entre as diferentes divisões no interior de um programa de distribuição arquitectónica, em que “he necessario que este edificio tenha pessos mayores e menores para a comodidade dos moradores”<sup>91</sup>. Para tanto, dá como exemplo a composição musical, em que “vemos, que ha vozes graues, e agudas, e menos graues, e menos agudas, com que tem a suavidade e proporção aos ouvidos se requiere; e esta nossa architectura tem tanta semelhança com ella”<sup>92</sup>.

Desta forma, traça o caminho que irá materializar o desenho proporcional entre as partes e o todo na criação arquitectónica. Através do cumprimento das regras principais de

---

<sup>84</sup> COUTO, cit. 11, LIVRO II, Cap. 7.º, p. 35.

<sup>85</sup> IDEM, LIVRO I, Cap. 4.º, p.4.

<sup>86</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>87</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>88</sup> "que seja gramatico, que seja bom desenhador, bom geometrico, bom prospectiuo, bom arismetico; e que tenha conhecimento de variaz historias, e que seja philosopho, muzico, que entenda da medicina, das leys, da mathematica, e reuoluções do ceo.". IDEM, LIVRO I, Ca. 3.º, p. 3.

<sup>89</sup> IDEM, LIVRO II, Cap. 1.º, p. 27.

<sup>90</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>91</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>92</sup> IDEM, *Ibidem*.

composição, em que “se amplifica a tal arte, como na muzica são as entoações sobre que ella toda se funda”<sup>93</sup>. Refere-se naturalmente à importância do conhecimento das ordens arquitectónicas e às suas “regras principaes, das quaes por nenhum modo havemos de fugir: varias no modo, com que vzaremos dellas sim, mas não na sustancia; e acho eu, que esta nossa sciencia he a em que mais o entendimento, e habilidade se pode alargar, acabando sempre no fim proposto dos textos”<sup>94</sup>. Neste fragmento, Mateus do Couto enuncia claramente a diversidade da interpretação das proporções que as regras arquitectónicas têm, sobre os princípios enunciados nos textos de arquitectura na antiguidade clássica. Por outro lado, refere-se à diversidade das fontes, dando como exemplo os levantamentos arquitectónicos realizados por Sebastiano Sérlio. O que é essencial para Mateus do Couto é o cumprimento do principio de proporcionalidade entre as partes e o todo. Dentro deste princípio, o espaço e a sua subdivisão são permeáveis à diferença no desenho e volumetria que encontramos na morfologia decorativa da arquitectura clássica.

A ornamentação na arquitetura é inaugurada no Capítulo 6.º do LIVRO I, iniciando um conjunto de capítulos dedicados particularmente ao desenho da Coluna na arquitectura clássica. Evidencia igualmente as origens das ordens arquitectónicas, considerando a importância do conhecimento da história, útil às suas correctas aplicações na arquitectura, dependentes do domínio e “conhecimento de varias historias para as saber acomodar nos ornatos”<sup>95</sup>. Começando por explicar “Como as colunas são os principaes ornatos dos edificios”<sup>96</sup>, ensina as diferentes formas de desenhar e construir a coluna<sup>97</sup> nas cinco ordens arquitectónicas<sup>98</sup>, Toscana, Dórica, Jónica, Coríntia e Compósita. Apresentando as propostas que considera relevantes para cada uma destas ordens, referindo as propostas de Vitruvius, na versão comentada por Daniele Barbaro e assistida por Lozano em 1582 (KRUGER, 2011), Alberti e Sérlio. Paládio é unicamente referido quando, em alguma das relações entre as partes, é omissa nos textos anteriores. Mateus do Couto revê-se constantemente nas opções de Sebastiano Sérlio que “colheo das melhores antiguidades de Roma”<sup>99</sup>, e não termina este assunto sem expressar “Alguês advertencias sobre estes cinco generos”<sup>100</sup>. Neste importante conjunto de capítulos, existe uma total ausência de medidas a aplicar na edificação destas ordens clássicas, antes uma extensa e sistemática indicação da proporção entre as partes e o todo, no desenho para execução construtiva da coluna<sup>101</sup>. Mateus do Couto refere a pilastra como “outro genero de colunas; porque muitas juntas ornam e autorizam os edificios”<sup>102</sup>. Sobre as Pilastras, salientamos as recomendações de Mateus do Couto, ao referir a sua utilização, quando encostadas à parede: “se poderão fazer mais altas do que as Regras pedem como acima temos dito”<sup>103</sup> e que “quanto mais a formos encostando e metendo pela parede, tanto mais alta a podemos

---

<sup>93</sup> IDEM, LIVRO III, Cap. 7.º, p. 58

<sup>94</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>95</sup> IDEM, LIVRO I, Cap. 3.º, p. 3.

<sup>96</sup> IDEM, LIVRO I, Cap. 5.º, p. 6.

<sup>97</sup> IDEM, LIVRO I, p.7 - p.23.

<sup>98</sup> Respectivamente os Capítulos 7.º, 8.º, 10.º, 11.º e 12.º.

<sup>99</sup> COUTO, cit.11, LIVRO I, Cap. 11.º, p.20.

<sup>100</sup> IDEM, LIVRO I, Cap. 13.º, p.23.

<sup>101</sup> Sobre a influência deste elemento na fachada, enquanto elemento gerador desta, veja-se: QUARESMA, Pedro Filipe Coutinho Cabral – **Gramática da forma da sistematização da coluna de Alberti**. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, 2004. Tese doutoramento.

<sup>102</sup> COUTO, cit.11, LIVRO I, Cap. 6.º, p. 6.

<sup>103</sup> IDEM, LIVRO I, Cap. 13.º, p.24



fazer, e assi poderá sofrer melhor o pezo”<sup>104</sup>. Uma excepção com aplicações práticas, sobrepondo a robustez estrutural às regras clássicas da ornamentação arquitectónica, de que o vulgar cunhal será o exemplo máximo. Para Mateus do Couto, o cumprimento das regras de proporção no desenho do espaço são a “substancia da composição da verdadeira architectura, a que podemos chamar alma, hé a em que nos havemos de cansar”<sup>105</sup>. E, tendo esta “substancia”, poderemos então nos “esmerar com ornatos largamente que se permittão”<sup>106</sup>, na aplicação proporcional da decoração com as ordens clássicas. Salientamos que o facto de expor as diferentes formas que a tratadística italiana nos legou deixa antever um princípio elementar na aula de Mateus do Couto, a escolha individual de cada architecto. Este eleva uma natural responsabilização profissional, que encontramos em diversas partes da sua lição, conforme refere acerca do cordeamento dos edificios<sup>107</sup>.

As informações sobre o processo de desenho encontramos-las no Capítulo 7.º do LIVRO II, em que Mateus do Couto “Trata de como se hão de cordear os edificios”<sup>108</sup>. Aqui indica-nos a importância de um architecto estar no terreno, “com grande diligencia cordear as nossas obras, que de nouo fundamos. E não quizera eu que os architectos se fiarão nestes principios, senão de sy propios, assistindo a estes cordeamentos”<sup>109</sup>. Ao ensinar o desenho do edificio no terreno onde será construído, revela a forma ortogonal no desenho arquitectónico que elege. Indica a sua execução por uma primeira linha, que corresponde à fachada do edificio a construir. A segunda linha, ao centro do edificio, será perpendicular com a primeira, e a terceira linha deverá ser paralela à primeira. Para tal, indica a necessidade do cumprimento dos ângulos rectos entre o cruzamento de linhas, obtendo desta forma “o regimento para lansar todas as mais que os aliceces occuparem, tirando dellas para as mais todas as medidas, conforme a traça que estiuer ordenada”<sup>110</sup>. A importância da esquadria reafirma-se no seu exemplo de desenho: “he o mesmo que hum angulo recto; e para ser certo ha de ser hum circulo feito em 4. partez iguaes, cruzado pelo meyo com duas linhas que chamamos diametros; e a linha parallela chamamos aquella que vay igual com a outra, sem nunca se chegarem nem afastar mais a ella, ou della”<sup>111</sup>. Assim clarifica e reafirma a importância da ortogonalidade no seu desenho arquitectónico, aconselhando o seu uso tanto nas fundações como na restante construção, referindo que “ainda que não seja de lados iguaes, sempre a figura quadrada, ou seja de lados iguaes, ou de lados não iguaes hé mais capaz para os edificios que não outra”<sup>112</sup>.

As suas indicações de espaço na volumetria interior surgem no capítulo em que escreve “Sobre alguns remates de edificios / dignos de memoria, e outras couzas / tocantes aos mesmos edificios”<sup>113</sup>, quando nos informa da altura que se deve atribuir às paredes. É

---

<sup>104</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>105</sup> IDEM, LIVRO III, Cap. 7.º, p. 58.

<sup>106</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>107</sup> <<a obra que fazeis para gosto, dar-uos payxão emquanto viueis, e assi conforme a isto deuemos com grande diligencia cordear as nossas obras, que de nouo fundamos. E não quizera eu que os architectos se fiarão nestes principios, senão de sy propios, assistindo a estes cordeamentos>>. IDEM, LIVRO II, Cap. 7.º, p. 34.

<sup>108</sup> IDEM, p. 33.

<sup>109</sup> IDEM, p. 34

<sup>110</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>111</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>112</sup> IDEM, *Ibidem*, p. 35.

<sup>113</sup> IDEM, LIVRO I, Cap. 14.º, p. 25.

nesta ocasião que Mateus do Couto nos indica as proporções que considera úteis à morfologia espacial, sujeita à transposição do desenho bidimensional para a proporção que quisermos dar à casa e às suas divisões, na sua tridimensionalidade espacial. São sete as formas rectangulares indicadas, começando pela “quadra”<sup>114</sup> que corresponde ao quadrado perfeito, é resultado da proporção 1:1; “sexquialtera”<sup>115</sup>, que corresponde ao retângulo cujo lado maior contem uma vez e meia o lado menor, resulta na proporção 2:3; “sexquiquarta”<sup>116</sup> que corresponde a um rectângulo cujo lado maior contém o lado menor mais um quarto, resulta na proporção 5:4; “sexquitertia”<sup>117</sup>, que corresponde a um rectângulo cujo lado maior contém o seu lado menor mais um terço deste, resultando na proporção 4:3; ou “superbipartenstertias”<sup>118</sup>, que corresponde a um rectângulo cujo lado maior é igual ao lado menor mais dois terços deste mesmo lado, resultando na proporção 3:5<sup>119</sup>; ou “proporção diagonal”<sup>120</sup>, que corresponde a um rectângulo cujo lado maior é igual à diagonal do quadrado pelo lado menor (raiz de 2 ou proporção áurea) e, por último, a proporção dupla “que são dous quadros”<sup>121</sup> juntos, formando um rectângulo cujo lado maior contém duas vezes o lado menor, que corresponde à proporção de 1:2. Estas poderão ser as proporções que arriscaremos encontrar no desenho espacial de uma Casa Nobre, assim o desenho desta tenha sido desenhado com base nos ensinamentos de Mateus do Couto ou de autores indicados si. Quando executada de raiz ou intervenções de ampliação, em que a sua execução tenha compreendido e cumprido as indicações do seu Architecto ou Mestre de Obras.

Sobre a composição das fachadas, o manuscrito de Mateus do Couto revela algumas das suas características e indicações ao dissertar “Sobre levantar as monteas / das plantas”<sup>122</sup>. Neste capítulo dedicado ao ensino da representação e apresentação de um desenho arquitectónico, centrado a eixo as plantas, os alçados e os cortes, Mateus do Couto revela igualmente a sua interpretação da fachada como um conjunto de membros. Ao ensinar a desenhar os diferentes pisos no papel, individualiza o que considera “as alturas de cada membro desta fachada, conforme ella der lugar: chamamos-lhe membros, porque os edificios tem a semelhança com os corpos humanos, na forma que temos dito”<sup>123</sup>. Clarificando o desenho da fachada por membros, considerando-os corpos diferentes, “e por isso os mais perfeitos, diuidimos huns dos outros, para que cada hum delles, fique separado. E assim fallamos, que cada corpo destes hé o que imita ao corpo humano”. Esta divisão será tão necessária quanto o uso de diferente ornamentação, pois “aquelle corpo, que varia mais nas molduras, e ornato, não se afastando das regras, este será o mais perfeito, sendo o ornato melhor, e as molduras as mais graciosas, não pondo as mesmas hñas sobre outras”<sup>124</sup>. Assim define o desenho das fachadas com separação de pisos por diferente ornamentação, no que considera um “concerto que alegra o entendimento, e olhos”<sup>125</sup>. Referindo-se à importância da proporção entre as partes e o todo, definida por

---

<sup>114</sup> IDEM, p. 26.

<sup>115</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>116</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>117</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>118</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>119</sup> Referindo-se a *Superbipartens tertia*

<sup>120</sup> COUTO, cit.11, LIVRO I, Cap. 14.º, p. 26.

<sup>121</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>122</sup> IDEM, LIVRO III, Cap. 1.º, p. 47.

<sup>123</sup> IDEM, p. 48.

<sup>124</sup> IDEM, LIVRO II, Cap. 13.º, p. 43.

<sup>125</sup> IDEM, *Ibidem*.



Alberti como “galhardia; Livro 9. Capitulo 5. a qual comprehende dentro em sy todas as perfeições; [...], e que toda passa pellas suas mãos, porque tudo o em que esta se esmera, he necessario seja registado pella galhardia para poder ser bom; isto hé o que na architectura se requiere”<sup>126</sup>.

Na composição dos vãos nas fachadas, Mateus do Couto volta a reclamar a semelhança entre o corpo humano e um edifício, referindo que “assim como nos corpos humanos o faz a natureza; imitando-a tambem a ella nos vãos, e nos mocisos”<sup>127</sup>. O exemplo referido para os maciços relata a necessidade de duas colunas para sustentar um arco, como o corpo humano necessita de duas pernas para se suster. Para além desta explicação, Mateus do Couto refere a relação entre os vãos que temos no corpo, que a natureza “tudo póz em sua conta, perfeição, e respondencia, como os olhos, hum de hũa banda, outro de outra;”<sup>128</sup>. Juntando a regra que situa um dos vãos ao centro sempre que o conjunto seja ímpar, “de modo que fique em meyo, fazendo tudo ayrozo”<sup>129</sup>. Definindo a composição na fachada, com “os vãos impares, e os moçissos pares, imitando a dita natureza”<sup>130</sup>. Sobre o número de vãos a considerar numa fachada, indica o n.º 3 pela sua relação com o principio da natureza, o n.º 5 na sua relação com o divino, o n.º 7 pelos sete planetas então conhecidos. Refere-se igualmente ao n.º 9 pela sua relação com os movimentos celestes e a gestação de uma criança no ventre da mãe<sup>131</sup>. Ainda sobre os vãos, no que respeita aos portais estes deverão situar-se ao centro excepto quando são dois, que obrigará à sua correta correspondência lado-a-lado, conforme ocorre “nas frentes, e fachadas de nossos corpos humanos, hauendo de ser hũa abertura, ou cheo, que sempre hé no meyo; e hauendo de ser duas sempre são em respondencia com cada hũa de sua parte e estas portas, ou janellas quizera eu que sempre tiuerão pelo menos proporção dupla, conforme a magestade do edificio; e hauendo de estar mais altas as janellas do ordinario, lhes daremos mais altura”<sup>132</sup>.

Todo o texto de Mateus do Couto, relativo à composição e desenho arquitectónico, assenta na adopção do princípio de relação entre as partes, na sua proporcionalidade. As únicas vezes em que refere medidas a usar na construção corresponde a casos específicos como a espessura normal de uma parede em Lisboa com 2 ½ palmos de espessura<sup>133</sup>, as medidas de uma chaminé, e as medidas correctas que as escadas deverão ter. No caso das medidas a adoptar no desenho de uma parede, indica ao dissertar “Sobre as grossuras das paredes dos Templos, E mais Edificios, E alturas”<sup>134</sup>, uma medida de proporção a considerar, dependente do tipo de construção e forma adoptada. Considerando-se “de 25 palmos por diante a largura das ditas Cazas”<sup>135</sup> quando construída em madeira terá de espessura a 8.<sup>a</sup> parte. Na sua construção em pedra e cal e tendo abóbadas de cobertura, deverá ter de espessura a 4.<sup>a</sup> parte. Sendo de forma redonda a 6.<sup>a</sup> parte será suficiente e a sua altura deverá sempre atingir a 3.<sup>a</sup> parte das abobadas. Estas espessuras poderão ser reduzidas sempre que se verifique encontros de divisões. Para a execução de umas

---

<sup>126</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>127</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>128</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>129</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>130</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>131</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>132</sup> IDEM, LIVRO I, Cap. 14.º, p. 26.

<sup>133</sup> «Não será fora de razão sabermos que de ordinario nesta Cia.te 4. carradas fazem huã barcada, que faz huã braça de Parede. E huma braça de parede são 250 palmos quadros, que são 10. de alto, 10. de comprido, e 2 ½ de grosso.» IDEM, LIVRO II, Cap. 4.º, p. 30.

<sup>134</sup> IDEM, LIVRO I, Cap. 14.º, p. 25.

<sup>135</sup> IDEM, *Ibidem*.

“chemimés para boas, tomara-as eu, que nunca tuessem menos de 3. palmos de lareira, nem menos de 4 1/2 de altura de boca”<sup>136</sup>, contando com “meyo palmo ate 3/4 para boca do defumadouro; e as trombas ordinariamente as fazemos da mesma altura do ponto do telhado”<sup>137</sup>.

A sua dissertação “Sobre as escadas”<sup>138</sup> corresponde ao capítulo da sua lição que mais especificações tem sobre desenho, medidas e morfologia, que considera mais adequada. Entendemos que a importância deste capítulo se revela no facto de, ainda hoje, ambas as suas medidas e a sua relação de proporcionalidade ditarem o seu sucesso. Apresentando uma interessante elucidação histórica da evolução da rampa enquanto génese da escada, elege o lanço recto pelas particularidades do seu funcionamento e economia espacial. Considera este um elemento essencial à interligação espacial, evidente nos edifícios com vários pisos sobrepostos e refere-se igualmente à importância que a sua composição e estruturação da circulação interior representa, quando esta se destina ao piso nobre<sup>139</sup>. Indica a sua localização “para edificios nobres; tomara eu que a entrada delles fosse diametral com a entrada da loge, zaguão, ou pateo”<sup>140</sup>. Quanto às características e indicações técnicas das medidas a aplicar no desenho da sua construção, Mateus do Couto é claro nas suas indicações: “Que não tenham mais altura que 3/4 de palmos, nem mais baixos que meyo palmo, nem mayor passo que 2. palmos, nem menor que palmo e meyo, sempre pelos viuos”<sup>141</sup>. Recomenda o n.º impar como regra a aplicar no conjunto de degraus do lanço, 7 e não mais que 11.

### Considerações finais

As informações contidas no manuscrito de arquitectura de Mateus do Couto revelam-nos que as regras de composição no desenho arquitectónico, segundo as suas indicações, são muito mais um apoio do que uma imposição. Esta permeabilidade, que Mateus do Couto aplica às suas aulas, corresponde a um dos seus ensinamentos em que o arquitecto terá de adequar a obra às circunstâncias e à diversidade das condicionantes, no encontro do equilíbrio entre as partes e o todo. Este é talvez o princípio que acompanha todo o seu discurso sobre a criação em arquitectura – a proporcionalidade. Define um edifício enquanto um conjunto de membros bem proporcionados como o corpo humano, um volume repartido por divisões interdependentes e proporcionais entre si. Para o sucesso desta relação, indica a necessidade de o arquitecto ser conhecedor dos princípios contidos na ciência musical, referindo o tom de 4 vozes, como o que devemos aplicar à arquitectura, seja na estabilidade necessária da fundação de um edifício de quatro lados, seja também nas suas divisões, aconselhando muita atenção na aplicação da esquadria e os seus ângulos rectos. Na relação entre as partes e o todo, a música é quem nos pode auxiliar, mas a decisão será sempre do arquitecto pois as variantes são diversas e o que realmente conta é o cumprimento do princípio de proporcionalidade entre as partes e o

---

<sup>136</sup> IDEM, LIVRO III, Cap. 5.º, p. 54.

<sup>137</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>138</sup> IDEM, LIVRO III, Cap. 4.º, p. 51.

<sup>139</sup> Sobre as implicações da escada na organização interior de uma residência nobre conforme o manuscrito de arquitectura de Mateus do Couto se refere, veja-se: ANTUNES, Tiago Molarinho - A Repartição dos Edifícios Nobres no Tratado do Arquitecto Matheus do Couto, em 1631, in, **V Congresso Internacional Casa Nobre: um património oara o futuro**. Arcos de Valdevez: ed. Município de Arcos de Valdevez. 2018 (no prelo).

<sup>140</sup> COUTO, cit.11, LIVRO III, Cap. 4.º, p.52.

<sup>141</sup> IDEM, *Ibidem*.

todo, tanto na morfologia do desenho arquitectónico, como na sua decoração. Diversidade é o que igualmente relata no campo decorativo e, sobre esta escolha, aconselha e justifica as suas opções nas indicações de Sebastiano Sêrlio, deixando notícias de outras formas de criação, indicadas por Vitrúvio e Alberti. Sobre o rompimento com as regras principais, admite que as questões construtivas relativas à estrutura de um edifício podem ser sobrepostas, referindo o exemplo da pilastra, que podemos estender ao cunhal. Este rompimento é aceite desde que, na substância da composição arquitectónica, seja assegurada a sua proporcionalidade. A respeito do desenho, reafirma a importância de divisões ortogonais, ainda que com lados desiguais, pois o importante é o cumprimento dos ângulos rectos entre o cruzamento das linhas de um projecto e a sua construção, cujo acompanhamento de obra é essencial. Sobre a espacialidade interior de um edifício ou divisão aconselha sete tipos de proporção que indica para a altura de uma parede, sempre em relação proporcional com a sua espacialidade, são estas: 1:1, 2:3, 5:4, 4:3, 3:5,  $1:\sqrt{2}$  e 1:2. Dados imprescindíveis aos trabalhos a realizar na investigação em curso. Acerca da composição das fachadas, Matheus do Couto, indica as suas características, em muito semelhantes à forma como considera que um edificio deve ser pensado. Um corpo com membros, sempre com relação de proporcionalidade entre si, e principalmente, separados entre si, na correcta definição de cada piso, na composição da fachada. Algo muito familiar no desenho e composição decorativa de Palácios e Casas Nobres do estudo em curso. Sobre a diversidade da ornamentação por piso, Mateus do Couto aconselha o uso de criatividade, tendo em conta as notícias históricas das artes decorativas, sempre de acordo com a representatividade do edifício e o seu proprietário. Na composição dos vãos na fachada, refere que o número ímpar será o mais correcto, mas admite o número par se este tiver a sua devida correspondência em simetria (no actual significado do termo). A quantidade de vãos que aconselha corresponde aos números 3, 5, 7 e 9, mas estas quantidades são unicamente um apoio, as indicações intrínsecas no conjunto do manuscrito revelam que estas indicações estão dependentes das condicionantes da obra, do cliente, etc. Devido a este ponto de vista, torna-se evidente a ausência quase total de indicações de medidas. Estas surgem unicamente para revelar um tipo de parede em Lisboa, de  $2\frac{1}{2}$  palmos de espessura, revelado por acaso, pois a forma como esta frase é composta mais parece remeter para a importância dos custos da mesma. A outra informação de medidas que surge no texto é relativa ao desenho e bom funcionamento de uma chaminé, com indicações importantes ao estudo deste elemento, particularmente no estudo das cozinhas. As únicas medidas que Mateus do Couto nos indica com toda a certeza, e muito pouco permeável a interpretações ou adaptações, na proporcionalidade necessária ao seu bom funcionamento, é a escada. Uma composição arquitectónica cujo sucesso depende da sua inter-relação com o corpo humano, na interacção de três factores imutáveis no tempo e, na plasticidade aplicada, o número, a medida e a proporção.

### **Bibliografia**

ANTUNES, Tiago Molarinho - A Repartição dos Edifícios Nobres no Tratado do Arquitecto Matheus do Couto, em 1631, in, **V Congresso Internacional Casa Nobre: um património para o futuro**. Arcos de Valdevez: ed. Município de Arcos de Valdevez. 2018 (no prelo).

COUTO, Matheus Do – **Tractado de Architectura /Que Leo o Mestre, et / Architecto Matheus do Couto o velho / No Anno de 1631** [Manuscrito]. Secção de Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa. Situado entre as páginas 1 e 73 (frente e verso) do Códice n.º 946//1

MOREIRA, Rafael - O Torreão do Paço da Ribeira, in, **Mundo da Arte**, XIV (Separata), Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1983, p.43-48.

MOREIRA, Rafael - Tratados de Arquitectura, in, **Dicionario de Arte Barroca em Portugal**. Lisboa:Editorial Presença (Dir. José Fernandes Pereira, Coord. Paulo Pereira) 1.ª ed., 1989, p. 492.

QUARESMA, Pedro Filipe Coutinho Cabral – **Gramática da forma da sistematização da coluna de Alberti**. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, 2004. Tese doutoramento.

RUÃO, Carlos - **O Eupalinos Moderno. Teoria e Prática da Arquitectura Religiosa em Portugal (1550-1640)**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2006. Volume I, II e III, Tese de doutoramento.

TRINDADE, Luís - **Catálogo da Livraria do Distincto Bibliografico e Bibliophilo José Maria Nepomuceno** [...] **que será vendida em leilão**[...]. Lisboa 1.ª ed. Empreza Editora de Francisco Arthur da Silva (coord.), 1897.